

NARRATIVA E HISTÓRIA LATINO-AMERICANA: VOZES PERIFÉRICAS
LATIN AMERICAN NARRATIVE AND HISTORY: PERIPHERAL VOICES
NARRATIVA LATINOAMERICANA E HISTORIA: VOCES PERIFÉRICAS

Quando um governo, a elite ou outra autoridade promove a versão oficial da história e rejeita todas as outras, muitas vozes periféricas, caracterizadas por visões traumáticas e/ou polêmicas do passado, são silenciadas. O processo de elaboração de memória coletiva, portanto, é permeado pela tentativa de manipulação da história por um determinado grupo e as memórias individuais, baseadas em testemunhos diretos do conflito, podem sofrer modificações devido aos sujeitos precisarem se ajustar a situações de intimidação e preconceito.

Muitas das narrativas que compõem o construto literário latino-americano atual estão associadas ao contexto da violência, da repressão política, dos abismos sociais, da condição pós-colonialista. Sobretudo, estando a mais de duzentos anos da gradual independência das colônias, a discussão sobre os processos identitários parece mais viva do que nunca. Nesse viés, a literatura latino-americana assume formas variadas de testemunhar seus conflitos internos, apresentando dados históricos e ficcionais que se misturam e que desvelam uma versão diferente do registro oficial.

Esta edição da Revista *Literatura em debate* traz textos que se propõem a refletir sobre a narrativa contemporânea latino-americana e suas vozes não oficiais. O objetivo central da edição, portanto, mais do que identificar atos de violência perpetrados por ditaduras, conflitos armados e a vida urbana, remete ao homem que os vivencia. Tais narrativas frequentemente se valem da memória para perceber o homem que narra a si e à história de seu país, distinguindo-se como expressão de pontos de vista que privilegiam a experiência subjetiva das personagens.

Portanto, a partir de uma construção narrativa que envolve o leitor com densas reflexões, a narrativa contemporânea pretende, por meio da ficção e do poder de sedução da arte, fazer pensar e sentir sobre a América Latina e oferecer aos sujeitos narrados, autonarrados e aos leitores a possibilidade de reinterpretar a história coletiva a partir da batalha de memórias representada em diversas obras. Essa *práxis* pode trazer à tona vozes periféricas que permaneceram refugiadas no mundo das memórias privadas, silenciadas no âmbito da intimidade das vítimas das contingências conflitivas da América Latina.

Nesse contexto, a avaliação da experiência colonial constitui-se em tópico quase inescapável, já que, havendo experimentado a imposição de forças políticas, exploração econômica e controle ideológico e social, os países americanos (em sentido lato) estão, ainda, às voltas com a avaliação da experiência do “encontro colonial”, que, para sempre, afetou suas identidades.

Referências à experiência pós-colonial dizem respeito a toda a extensão do contato da metrópole com sua colônia, e não, como o prefixo “pós” poderia levar a supor, aos momentos que sucedem à independência política da nação colonizada. Isso porque, como Bonnici (2009, p. 272) lembra, a descolonização é “processo complexo e contínuo”; já que persistem “resquícios poderosos, sempre latentes, das forças culturais e institucionais que sustentavam o poder colonial”, o que torna necessário um processo de descolonização da mente, em desafio e contestação não só à centralidade ocupada pelas nações colonizadoras europeias, como à universalidade das noções de superioridade a partir das quais justificaram a necessidade e propriedade de suas conquistas.

Tal descolonização da mente tem levado a revisões da história colonial, as quais não só questionam a excentricidade –seja ela de raça, gênero, distancia social, cultural ou outras noções de “normalidade” – como fazem dela uma fonte de contestação e energia criadora. É a partir dessa perspectiva que se posicionam as autoras dos dois primeiros textos publicados nesta revista. Em “O olhar do estrangeiro ausente: o discurso colonial sobre o Brasil em *The fate of a crown* de Frank Baum”, *Divanize Carbonieri* comenta como a narrativa, ao apresentar a visão de um estrangeiro sobre Cuiabá, elabora um discurso colonial sobre o Brasil, o qual, inicialmente fundamentado em estereótipos negativos, transforma-se progressivamente a partir das experiências do narrador-protagonista no Brasil, para tratar de temas como a emancipação feminina e a homossexualidade. Já Humberto Fois-Braga e Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves, em “Profecias irrealizáveis e malabarismo com a retórica alheia” realizam uma leitura pós-colonial do conto “A diáspora”, de Murilo Rubião. Analisando o texto a partir de seu diálogo intertextual com a epígrafe bíblica, e dos planos da narrativa e da morte do autor (este último tido como sendo, involuntariamente, um ato performático do próprio conto), os autores evidenciam as relações de dominação e resistência que perpassam a América Latina, e demonstram como o texto promove uma resistência do autor, do narrador e dos personagens aos valores ocidentais judaico-cristãos.

A releitura de tais noções faz-se, pois, na esteira das contestações das noções de outridão que, percebidas e defendidas sob o viés da inferioridade, apoiaram e

fundamentaram o bastião ideológico do modelo colonial. Em *Estrangeiros para nós mesmos*, ao percorrer as figuras históricas da condição do estrangeiro, Julia Kristeva oferece reflexão que nos leva a aproximar a condição de estrangeiro da do outro dos poderes coloniais. “Entre o homem e o cidadão”, diz Kristeva, “uma cicatriz: o estrangeiro” (1994, p. 102). O pensamento ocorre no decorrer de reflexões que a autora tece a partir do pensamento de Hannah Arendt e sua distinção entre homem e cidadão: ao estabelecer os direitos próprios aos homens de uma nação, uma sociedade afasta desses direitos os não cidadãos, ou seja, os outros homens. No século XIX, a teorização da inferioridade racial pela ciência racista do século XIX, a partir de teorias tais como as de Arthur Gobineau, Georges Cabanis e Paul Broca não teve outro efeito senão retirar a cidadania e a humanidade do africano. Vale, pois, lembrar como Kristeva, ao discutir os procedimentos que levam a atribuição ou não da cidadania e humanidade na atualidade, raciocina que tais procedimentos significam que “somos mais ou menos homens à medida que somos mais ou menos cidadãos e que *aquele que não é um cidadão não é inteiramente um homem*” (1994, 102, ênfase acrescentada). Neste volume, Ivânia Campigotto Aquino pensa a atribuição de outridão ao estrangeiro, e sua conseqüente marginalização em ensaio sobre *Um rio imita o Reno*. Traz, assim, as reflexões sobre preconceito étnico para a literatura de imigração do Rio Grande do Sul, analisando como o romance de Vianna Moog aborda o racismo e a miscigenação no contexto de comunidade germânica estabelecida na região de São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

Parte das estratégias usadas no processo de outremização foi a denigração do colonizado, ao qual se atribuía o negativo das positivities que se afirmavam próprias ao europeu. Em sua diferença, o nativo era visto não só como ameaçador, mas como depravado, mentiroso, bruto, selvagem, ignorante, etc. Tal estratégia, que servia a ainda outra, a de delimitar e ampliar o hiato entre o europeu e o colonizado, acabou por introduzir conceitos sobre este último que se perpetuaram na mente ocidental. Assim, não surpreende que àqueles que pareceram à classe dominante como sendo seus outros fosse atribuída a condição de marginalidade. Esta se estende a suas produções culturais, que são invisibilizadas. Contudo, como Ferréz proclama, incluindo-se como parte e parcela dessa população: “[...] somos marginais mas antes somos literatura [...] continuaremos aqui, assim como o muro social invisível que divide este país” (2005, p. 10). Mais adiante, o autor apresenta sua definição de literatura marginal:

Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamadas por eles de ‘excluídos sociais’ e para os certificar de que o povo da

periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história, e que não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, a literatura marginal se faz presente para representar a cultura de um povo, composto de minorias, mas em seu todo uma maioria. (FERRÉZ, 2005, p. 11).

Negra, pobre e semianalfabeta, Carolina Maria de Jesus (1914-1977), em que pesem a da indiferença do poder público e da sociedade da época, apresenta-se como uma voz que desafia a sua condição de negra e subalterna para narrar o seu testemunho de um ambiente marcado pela miséria e violência. Tito Eugênio Santos Souza e Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes analisam, aqui, *Quarto de despejo*, observando como a autora, ao registrar em seus manuscritos uma cosmovisão da favela que é, simultaneamente, de feição autobiográfica e resultante de uma experiência vivenciada coletivamente, estabelece a sua própria sintaxe discursiva. Ainda um segundo ensaio debruça-se sobre a favela: em “A ressignificação de favela em *Becos da memória*” Angela de Fátima Langa e Denise Almeida Silva mostram como concepções contrastantes e díspares acerca da favela e seus moradores são construídas segundo esta é vista pelo olhar hegemônico ou pelo daqueles que a habitam e tem como lar.

Propusemos, como tema para os artigos deste número, o estudo das vozes periféricas latino-americanas. Como Milton Hernan Bentancor raciocina aqui em seu ensaio sobre Juan José Morosoli, para analisar um universo tão vasto como o que compõe a literatura hispano-americana, pode-se optar por várias alternativas metodológicas, as quais, didaticamente, Bentancor resume em duas: a análise geral de escolas, movimentos e tendências, e o estudo de autores individuais. A partir desta última opção, Bentancor opta por trilhar o caminho de uma certa “periferia”: escolhe estudar um autor cuja obra, apesar de valor estético cultural importante, não tem recebido tanta atenção por parte da academia. Em “*Juan Juan José Morosoli: la periferia llega al centro*”, Bentancor apresenta Morosoli como um dos escritores hispano-americanos que vivem no limbo entre o urbano e o rural (ainda que deva-se reconhecer que o urbano de Morosoli é o centro de uma localidade do interior uruguaio, que é, caracteristicamente, rural e periférico). Morosoli escolhe personagens pobres, buscando-os nos subúrbios, e a eles atribui uma correspondência total com a paisagem em que habitam: pobre, triste, acinzentada. Tais características são exemplificadas na análise do conto “*El disfraz*”, publicado em *Hombres y mujeres*. O estudo chama a atenção para o lugar ocupado por Morosoli como um dos autores que, a partir do interior da república uruguaia, conseguiram chegar ao centro cultural do país.

Ainda estendendo o olhar à Latinoamérica, Carla Dameane Pereira de Souza analisa a experiência individual e memória coletiva nos relatos testemunhais de Gregorio Condori Mamani e Asunta Quispe Huamán, dois sujeitos andinos, um homem e uma mulher, que se encontravam em situação de vulnerabilidade social no Peru da segunda metade do século XX. O ensaio chama a atenção para os aspectos de composição literária que têm origem na oralidade e nas subjetividades dos relatos de Gregorio e Asunta, a fim de demonstrar como estes testemunhos operam como escrituras performáticas que, ao instaurar um regime de verdade a partir do qual suas vozes podem ser escutadas, fazem desse espaço de enunciação um lugar de denúncia, intervenção social e recuperação de memórias coletivas que são invisibilizadas na história oficial do país.

Para além da seção temática, esta edição da *Revista Literatura em Debate* apresenta contribuições nas seções Ensaio, Seção Livre e Convite à criação. Na primeira delas, três dos quatro ensaios publicados centram-se em posturas intelectuais e críticas assumidas por diferentes escritores latino-americanos. Amanda da Silva Oliveira e Maria Eunice Moreira discutem como José Mármol, Pedro Henríquez Ureña e Ángel Rama, enquanto narradores sociais, identificam e refletem sobre as heranças de colonialidade, em direção a uma autonomia identitária, capaz de modificar a situação de subdesenvolvimento, dominação e dependência que caracterizaram os povos colonizados. Ángel Rama é também focado por Debora Cota, que procura ler sua postura intelectual a partir da história que constrói da classe letrada da região. A autora traz sua perspectiva crítica para dentro de importantes paradigmas latino-americanos, como o arielismo e o calibalismo; percebe, ainda, o exercício de um "modernismo pedagógico" (ANTELO) e aproxima Rama das características do intelectual legislador descrito por Zygmunt Bauman, em seu *Legisladores e intérpretes*. Já Amanda Laís Jacobsen de Oliveira, Juliana Prestes de Oliveira e Anselmo Peres Alós optam por análise comparatista de *Em liberdade*, de Silviano Santiago, e *Respiração artificial*, do argentino Ricardo Piglia, pondo em relevo aspectos do pós-modernismo presentes nessas obras. Voltando à temática colonial, agora no contexto português, Daniel Conte, Marinês Andrea Kunz e Jéssica Schmitz, em "De vozes e sussurros", evidenciam a importância da Casa dos Estudantes do Império, de Lisboa, e do Boletim *Mensagem*, por ela publicado, na organização de movimentos culturais e literários que, mais tarde, sistematizaram-se nos movimentos de luta anticolonial.

A Seção Livre, como o nome indica, oportuniza variadas miradas e perspectivas sobre o fazer literário. É assim que Rodrigo Bartz e Demétrio de Azeredo Soster refletem sobre possibilidades da literatura jornalística, Stefani Daiana Kreutz e Valdir Prigol estudam

metáforas usadas pela crítica literária em suas análises sobre a obra de Augusto dos Anjos, Breno Sponchiado traz à consideração, para uma historiografia do romance sul-riograndense, o pouco conhecido *O império dos coroados*, Kalina Naro Guimarães enfoca o erotismo em dois poemas de Maria Lúcia Del Parra, Regina Célia dos Santos Alves e Sidney Barbosa analisam a paisagem e o homem em contos de Valdomiro Silveira e Ilse Maria Vivian pensa o diálogo entre texto e leitor no contexto da literatura africana de Mia Couto.

Por fim, o Convite à Criação apresenta obras de dois poetas: o argentino Lucas Soares e o uruguaio Alfredo Fressia, bem como um miniconto de Celina S. Pereira.

Referências

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-coloniais. In: _____; Lúcia osana Zolin (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendência contemporâneas*. 3 ed. Ver. E ampl. Maringá: Eduem, 2009, p. 257-285.

FERRÉZ. (Org.) *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

KRISTEVA, JULIA. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.